

_____ (2008c) América Latina bipolar: os movimentos se movem. http://www.ecoblogue.net/index.php?option=com_content&task=view&id=1773&Ite... (consultado na Internet em 27 de Agosto de 2008)

_____ (2008d) O Impensável aconteceu. Folha de São Paulo (26 de Setembro de 2008). Tendências e Debates

_____ (2008e) “Descolonização” da América Latina exige reconhecimento dos direitos indígenas, Identidades, Racismo e Discriminação <http://www.socialismo.org.br/portal/identidades-racismo/203-artigo/396-descolonizacao-da-america-latina-exige-reconhecimento-dos-direitos-indigenas-> (consultado na Internet em 14 de Janeiro de 2009)

Zibechi, Raul (2002). Os índios e o poder estatal. Depois da Bolívia, o Equador. http://resistir.info/ecuador/depois_da_bolivia_ecuador.html (consultado na Internet em 14 de Janeiro de 2009)

Os Jovens e a Internet: novos meios de participação cívica e política

Ana Bela Ribeiro

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

anaribeiro3@gmail.com

Isabel Menezes

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

imenezes@fpce.up.pt

Resumo: A participação cívica e política está em crise, no duplo sentido em que está em recessão e em expansão (Menezes, 2007), pois ao mesmo tempo que diminui a incidência de formas de participação convencional, surgem novas formas de participação, nomeadamente fazendo uso das novas tecnologias da informação.

Apresentamos aqui os resultados de um estudo no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, partindo da análise das três fases do European Social Survey, passando pela discussão com jovens através dos Grupos de Discussão Focalizada e terminando com a dinamização de um blogue.

Entendemos que, hoje em dia, os jovens utilizam várias ferramentas dos média, especialmente a Internet, e que estão à vontade com as novas tecnologias da informação, no geral. Assim, tentámos perceber quais os hábitos de consumo dos média por parte dos jovens e se os utilizam para o exercício da sua cidadania. A Internet, mais especificamente, enquanto meio de duas vias, permite aos jovens fazerem-se “ouvir” e os blogues constituem uma ferramenta útil na participação cívica e política, o que democratiza, cada vez mais, este meio de comunicação.

Introdução

Vivemos, sem dúvida alguma, numa sociedade que Castells (2002:605) denominou de “Sociedade em Rede” e o crescente acesso aos meios de comunicação, em especial a Internet, vem cimentar este conceito, pois “o conjunto das mudanças experimentadas a todos os níveis, do económico ao político, do social ao cultural – e a que se foi chamando de «globalização» por uns, de «sociedade da informação» por outros, «de novo paradigma da comunicação» por outros ainda – foi de tal maneira poderoso que provocou uma alteração do contexto em que se desenvolvem as actividades humanas” (Cardoso, Costa, Conceição & Gomes, 2005).

A participação cívica e política conhece hoje novas formas, nomeadamente através da Internet. Este meio de comunicação surge assim como um renovado veículo de participação, especialmente entre os jovens, a quem se deve grande parte do seu sucesso. Assim, ao mesmo tempo que assistimos à diminuição da participação pelas formas convencionais, assistimos também à expansão das novas formas de participação, podendo afirmar que “a participação cívica e política está em crise, no duplo sentido em que está em recessão e em expansão” (Menezes, 2007).

Participação Cívica e Política através da Internet

De acordo com Machado Pais (2005), que menciona um estudo europeu, a juventude europeia está descontente com as formas tradicionais de participação política e com a impessoalidade das formas de cidadania praticadas, para além do decréscimo de confiança nas instituições, o que leva a um crescente absentismo eleitoral, sendo o voto a forma mais visível e o exemplo máximo de participação.

Os jovens desempenham um papel significativo nas questões de cidadania e de participação. Eles fazem voluntariado, fazem parte de grupos desportivos, de grupos religiosos, ... e, segundo Putnam (cit. por Menezes, 2003:441) “o envolvimento cívico tem a ver, não só com questões políticas, mas também com a ligação que as pessoas têm à sua comunidade”. Assim, podemos ver que existem múltiplas formas de participação na sociedade e na comunidade. Para além desta participação dos jovens ser fundamental em qualquer sociedade, aquelas podem ser decisivas nas escolhas futuras destes, uma vez que “as experiências de participação durante a adolescência e a juventude parecem ser um bom indicador do envolvimento político na idade adulta” (Verba, 1995 cit. por Menezes, 2003:432).

Ramonet afirma que é inegável “a função indispensável da comunicação de massas em democracia” e continua dizendo que “a informação continua a ser essencial para uma boa evolução da sociedade, e sabemos que não é possível existir democracia sem uma boa rede de comunicação e sem o máximo de informação livre.” (1999:25). Hoje em dia, os média desempenham um papel central nas sociedades democráticas, estando também ligados à nossa participação enquanto cidadãos. Segundo Sílvia João (2005:29), o papel que os média representam “está inextrincavelmente relacionado com o exercício do poder, quer por parte das instâncias do poder, quer por parte do cidadão”.

De acordo com Gillmor (2005), assistimos hoje à “transformação do jornalismo, de um meio de comunicação de massas do século XX até algo mais profundamente cívico e democrático” (p. 14), uma vez que o cidadão comum pode hoje fazer-se ouvir, ou ler, através da Internet. Não queremos com isto dizer que qualquer um de nós possa ser jornalista, ou praticar jornalismo, só por ter acesso à rede, mas a realidade é que a Internet nos dá uma visibilidade que não tínhamos antes. Este meio de comunicação permite-nos um diferente contacto com o mundo, incomparável a qualquer outro meio de comunicação. Admitimos a sua maior democraticidade, sendo um meio de duas vias, ou seja, para além de podermos receber informação através da Internet, podemos também enviar, o que não acontecia com mais nenhum outro meio de comunicação até então. Para além deste duplo sentido comunicacional da Internet, temos também a relação alcance/tempo deste meio de comunicação. A Internet cobre uma rede a nível mundial em tempo real, o que até ao aparecimento deste meio de comunicação era impensável, “pela primeira vez, a Internet permite-nos dispor de comunicações de muitos para muitos e de alguns para alguns, o que tem vastas implicações para os antigos receptores e para os produtores de notícias, na medida em que a diferença entre as duas categorias começa a tornar-se difícil de estabelecer” (Gillmor, 2005:42).

A participação cívica e política pode, não só acontecer nas ruas, nas comunidades, no espaço físico, mas também através dos média, mais especificamente, através da Internet. Esta oferece uma panóplia de formas através das quais nos podemos expressar. Existem e-mails, fórum temáticos, blogues, comunidades como o hi5, salas de conversação como o Messenger (MSN), e mais recentemente um site dedicado exclusivamente à assinatura de petições, entre outros.

O Estudo

Os objectivos do estudo

Este estudo foi feito para uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e o seu principal objectivo foi o de entender de que forma os jovens participam, cívica e politicamente, na sociedade civil através da Internet. Explorámos as questões de cidadania e de que forma é importante a participação cívica e política nas sociedades democráticas; tentámos ainda perceber quais os hábitos de consumo de média dos jovens na sociedade actual e qual o papel que a Internet, particularmente, assume na vida destes jovens; se os jovens acham pertinente participar na sociedade através dos média, mais especificamente através da Internet, e se o fazem.

Numa primeira fase do estudo tentámos contextualizar a realidade portuguesa, dos jovens entre os 15 e os 25 anos, através da análise de algumas questões do European Social Survey (ESS). Seguidamente fizemos uma sessão de Grupos de Discussão Focalizada com jovens entre os 16 e os 18 anos, em que explorámos as potencialidades de diversas ferramentas da Internet, e dos média em geral, e partilharam as suas experiências de consumo dos média e de participação na sociedade civil. Foram ainda realizadas uma segunda e terceira sessões de Grupos de Discussão Focalizada, mas com um outro grupo. Este grupo era constituído por jovens que se viram envolvidos num caso de enorme exposição mediática, também ele devido a uma inadequada utilização de alguns instrumentos dos média.

Para finalizar, fizemos um blogue, logo após a sessão de Grupos de Discussão Focalizada com o primeiro grupo, em que a principal finalidade era a de participar cívica e politicamente através da Internet, pondo em prática o que foi discutido na sessão.

Análise do European Social Survey

Iniciámos então o estudo pela análise das três fases (2002, 2004 e 2006) do European Social Survey (www.europeansocialsurvey.org), para Portugal. Seleccionámos as respostas de jovens entre os 15 e os 25 anos de idade e cerca de 30 questões relacionadas principalmente com o consumo dos média e a participação cívica e política.

Uma das questões seleccionadas questiona os jovens sobre a frequência com que utilizam a Internet, para fins pessoais, em casa ou no trabalho. Atentando no gráfico 1, podemos ver que nos itens de resposta “todos os dias” e “não tem acesso à internet, nem em casa nem no trabalho” há um aumento e um decréscimo, respectivamente. Verificamos ainda que entre 2002 e 2006 os jovens passaram a ter mais acesso à internet (em 2002 quase 40% não tinha acesso à internet e este número decresceu para os 20% em 2006, portanto para metade), e que vai aumentando também o número de jovens que têm acesso diário. Em 2002 apenas cerca de 10% dos jovens tinham acesso diário à internet, número que aumentou consideravelmente (até aos 35%) em 2006. Pensamos que este facto se deve ao aumento de servidores de Internet, o que aumenta a concorrência, diminuindo os preços e melhorando as condições de acesso, o que contribui para o alargamento de acesso e democratização deste meio de comunicação.

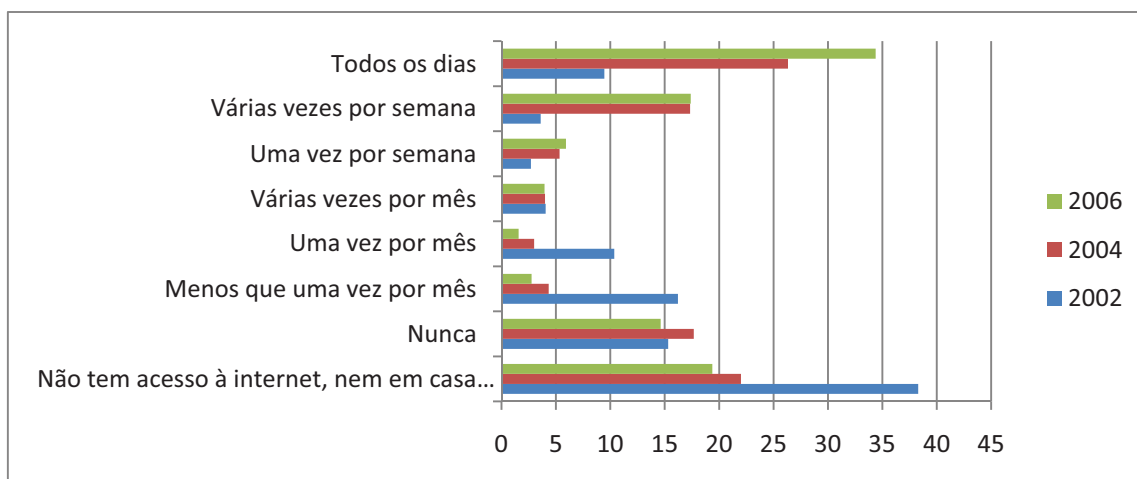


Gráfico 1 – Resultados do ESS (2002, 2004, 2006) à questão: Com que frequência utiliza a internet, ou o e-mail para fins pessoais, em casa ou no trabalho?

Outra questão analisada foi a que nos mostra o gráfico 2, em que os jovens foram inquiridos acerca do seu interesse pela Política. Podemos ver que existe um certo equilíbrio entre as respostas dos itens “nenhum interesse” e “algum interesse”, com percentagens entre os 30% e os 35%. Podemos ainda verificar que 2004 foi um ano particularmente desinteressante relativamente às questões ligadas à política, para os jovens portugueses. Na nossa óptica, isto denota alguma insatisfação, o que acreditamos ter-se devido à instabilidade política que se fez sentir no nosso país, nesse ano. Para terminar, reparamos que apenas uma média de 5% de jovens, nos três anos, mostra “muito interesse” em política.

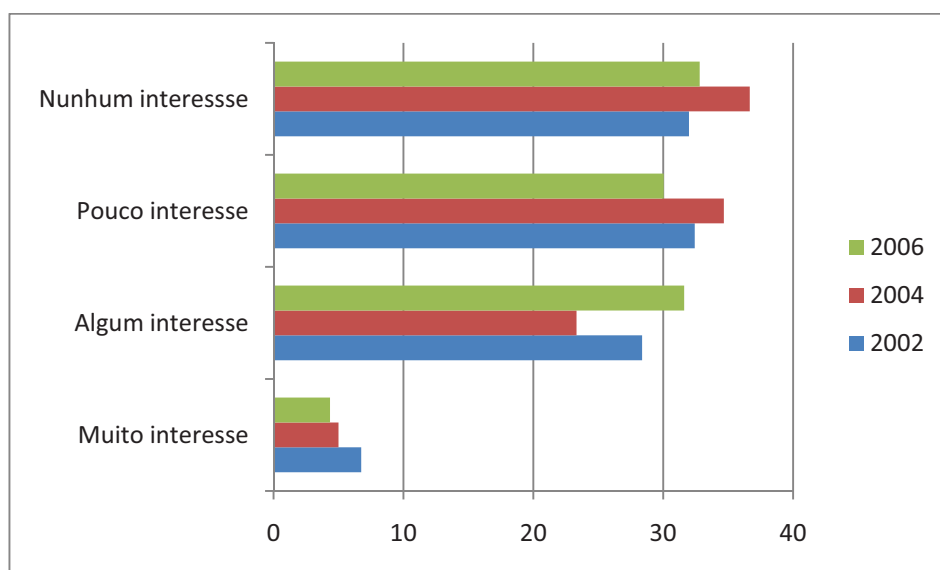


Gráfico 2 – Resultados do ESS (2002, 2004, 2006) à questão: De um modo geral, qual é o seu interesse pela política?

Grupos de Discussão Focalizada

A análise do ESS foi a base para uma sessão de Grupos de Discussão Focalizada (GDF) com um grupo de jovens cujas idades estavam compreendidas entre os 16 e os 18 anos de idade. Nesta sessão discutimos, em linhas gerais, os seus hábitos de consumo dos média (com particular incidência na Internet) e de participação cívica e política.

A primeira questão que colocámos a este grupo foi se tudo o que é publicado/emitido nos média é efectivamente verdade e se os média influenciam, de alguma forma, as suas opiniões. Os jovens responderam simplesmente que: “Não. (...) Porque há várias coisas que são inventadas”.

No que diz respeito ao consumo dos média, inquirimos os jovens relativamente aos instrumentos dos média que utilizam, sendo que a televisão e a Internet estão entre os meios de comunicação mais utilizados por este grupo de jovens. No entanto, revelam não utilizar estes meios de comunicação para ouvir ou ler notícias: “ouço notícias assim de vez em quando, mas, por exemplo, se estiver a dar notícias na televisão não olho, só ouço às vezes”. Relativamente à Internet, os jovens utilizam-na sobretudo para:

“trabalhos da escola e jogar”

“conversar com os amigos”
“criar amizades”
“adquirir informação”

Estes jovens demonstraram ainda ter pouca consciência acerca do alcance da rede e das suas potencialidades e perigos. Quando lhes perguntámos se não tinham receio de colocar fotografias nas páginas pessoais e de conhecer pessoas novas através da Internet, responderam com outra questão: “de quê?”, afirmando que sabiam proteger-se contra esses perigos. Estes jovens revelaram ainda um dado curioso, que foi o de terem mais receio em fazer compras pela Internet do que conhecer pessoas: “fazer compras pela Internet, acho que é um bocado preconceito, pelo menos falo pela minha parte... porque uma pessoa tem sempre aquele receio de fazer compras pela Internet (...) eu tenho assim um receio porque acho que... porque às vezes vamos a certos sites e para comprar alguma coisa temos que escrever o código...”.

Notámos ainda que estes jovens não têm hábitos de participação na sociedade civil, reduzindo a sua participação à reciclagem do lixo, em casa. São ainda jovens pouco interessados na vida Política do nosso país, revelando um discurso um pouco contaminado, se assim lhe pudermos chamar, falando sobre estas questões com um tom de sarcasmo:

“eles lá a falar um para cada lado, ninguém se entende”
“trinta e tal pessoas sentadas numa sala circular todos assim [faz gesto de aborrecimento, a olhar para o ar]”

Quando perguntámos aos jovens de que forma achavam que poderiam participar cívica e politicamente através da Internet, eles responderam que os blogues seriam uma boa ferramenta: “podemos fazer-nos ouvir porque a Internet está ligada a todo o mundo”. No entanto revelaram ainda que “o facto de ter grandes textos às vezes desmotiva”, o que reparámos ser uma preocupação para eles, uma vez que repetiram este facto várias vezes, dizendo que, para eles, um blogue “deve ter pouca coisa escrita, só o essencial... senão uma pessoa olha para aquilo e passa logo à frente, nem dá atenção”.

Com o segundo grupo de jovens fizemos duas sessões de Grupos de Discussão Focalizada. Este grupo de jovens foi, como já referimos, ele próprio alvo de uma grande exposição mediática nos meios de comunicação, devido, na nossa óptica, a uma falta de educação para os média. A sua iliteracia mediática, se assim lhe pudermos chamar, e a sua ingenuidade fizeram com que um vídeo, “publicado” num sítio de partilha de vídeos na Internet, elevasse este acto a um mediatismo para o qual não estavam preparados.

Com este grupo de jovens utilizámos o mesmo guião e o mesmo quebra-gelo, com notícias bizarras. Relativamente à credibilidade da informação nos meios de comunicação, estes jovens também responderam prontamente que:

“Nunca!!”
“Nem sempre”
“Não! Temos que pesquisar várias coisas, cruzar informação...”.

Perguntámos aos jovens se haveria um meio de comunicação mais credível do que os outros ao que responderam que sim, “a televisão”, mas com a salvaguarda de apenas “os directos” serem credíveis, por não haver manipulação. Ainda relativamente à televisão, estes jovens acham que “é para entreter, mais do que para dar informação”, o que consideram ser “reflexo de uma sociedade fútil e egocêntrica”.

Estes jovens consideram que “o objectivo [dos média] são as audiências, é vender”.

Este grupo também utiliza muito a Internet, em especial o Messenger, o Hi5, os blogues e o YouTube. Adicionam no Messenger pessoas que não conhecem, embora admitam que “com os desconhecidos há pouca interacção, não se dá informações pessoais”.

Utilizam muito o telemóvel e enviam mais mensagens escritas do que fazem chamadas, tendo grande parte dos jovens aderido a tarifários em que conseguem falar gratuitamente entre si, e admitem sentirem-se “perdidos” sem o este meio de comunicação. Os jovens admitem ainda que os pais utilizam como estratégia de castigo o retirar o telemóvel.

Relativamente à exposição mediática deste grupo de jovens eles consideram que o tratamento do caso pela comunicação social foi exagerado. Os jovens responderam que:

“Não se calavam.”
“Invadiram a nossa privacidade.”
“Aumentaram a situação, fizeram um escândalo!”
“Houve perseguição por parte dos jornalistas.”
“Queriam entrevistas à força...”
“Manipularam a informação.”

Ainda durante estas sessões tivemos a oportunidade de ouvir estes jovens, ainda muito sensibilizados, contar algumas histórias de perseguição, tanto nas suas casas como na escola, tentando os jornalistas infiltrarem-se nas vidas destes jovens em busca de uma notícia. Houve depoimentos chocantes e era notória a revolta destes jovens e a falta de protecção que tiveram relativamente à comunicação social.

O Blogue

Da sessão de Grupos de Discussão Focalizada com o primeiro grupo nasceu um blogue, o Corpo d’Intervenção (<http://corporodintervencao.blogspot.com/>). O nome partiu da ideia de que enquanto grupo, corpo, iríamos intervir cívica e

politicamente na sociedade através de uma nova ferramenta da Internet, os blogues. Achámos que seria uma forma eficaz de nos fazermos ouvir, uma vez que o acesso à Internet é cada vez mais democrático e os jovens se sentem bastante à vontade com este meio de comunicação. O nosso mote era uma frase de Maggie Kuhn: “Speak your mind, even if your voice shakes”, que em português quer dizer: diz o que pensas, mesmo que te trema a voz.

De acordo com Manuel Pinto, no prefácio do livro *Weblogs, Diário de Bordo*, de Elisabete Barbosa e António Granado (2004:5), “ [os blogues] vão muito além de uma moda (...), poderemos dizer que (...) a ideia que está na concepção dos blogs é «revolucionária» e de um alcance individual e cívico repleto de potencialidades. Desde logo, porque abre terreno para a democratização do acesso à palavra, ao espaço público, ao enriquecimento da conversação social”. E continua, mais à frente, dizendo que sendo “diversa nos seus géneros e tipologias, a blogosfera constitui um instrumento e um espaço de registo e de informação, de comentário e de opinião, de crítica e de escrutínio da vida pública, de memória e de manifestação de criatividade e engenho pessoais, de estruturação e de redes e comunidades de interesses e conhecimentos”.

No blogue, optámos por utilizar uma linguagem informal, recorrendo ainda a imagens e cartoons, tendo estes mais impacto, diferentes leituras, interpretações, e podendo despoletar vários tipos de discussão, sempre com temas actuais e polémicos. Isto porque, para além de informar, queríamos ainda criar discussões acerca dos temas da actualidade. Semanalmente, tínhamos ainda uma sondagem com questões semelhantes às do ESS e dos Grupos de Discussão Focalizada, cujos resultados eram sempre publicados.

O objectivo principal inicial era que os jovens que participaram na primeira sessão de Grupos de Discussão Focalizada publicassem e comentassem no blogue, ficando nós apenas a mediar. No entanto estes jovens nunca participaram no blogue, pelo que tivemos que contar com a participação de outros jovens. Alguns que descobriram o blogue e outros a quem fomos publicitando e pedindo a colaboração.

Terminado o estudo, terminou também a dinamização do blogue, embora o link ainda continue activo para possíveis consultas.

Discussão

A Internet, no geral, e os blogues, no particular, são, na nossa opinião, um novo meio de participação na sociedade civil. A ligação que os jovens têm, hoje em dia, com a Internet e com as novas tecnologias da informação facilitam esta participação.

Se pensarmos no alcance que a Internet tem e na sua crescente democratização, visto que grande parte dos jovens têm acesso diário, consideramos que este novo meio tem um enorme potencial no que diz respeito à participação cívica e política, onde os jovens pode fazer-se ouvir, sem censura. A Internet assume um papel de destaque nesta nova sociedade, pois “embora não seja a sua fonte, a internet, é um elemento fundamental para o desenvolvimento da sociedade em rede, pois constitui o meio de comunicação através do qual se constituem novas redes de relações para as pessoas e as actividades” (Cardoso, Costa, Conceição & Gomes, 2005:14).

Os blogues vieram complementar uma oferta que já existia na Internet através das salas de conversação e dos e-mails, por exemplo. Assistimos à comunicação em tempo real, para lugares distantes. Hoje temos uma voz diferente na Internet, através dos blogues. Uma voz por muito entendida como quase jornalística, mas que nós entendemos como fundamental numa democracia. Hoje em dia qualquer um de nós se pode fazer ouvir através dos blogues, “certamente, os weblogs não serão a única forma de alcançar este nível mas são um excelente meio, já disponibilizado e de simples acesso e execução” (Barbosa e Granado, 2004:59).

Bibliografia

- Barbosa, Elisabete e GRANADO, António (2004) *Weblogs, Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora
- Baudrilard, Jean (1981) *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água
- Bourdieu, Pierre (1997) *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta
- Bourdieu, Pierre (1998) *Contrafogos*. Oeiras: Celta
- Cardoso, G.; Costa, A.; Conceição, C. & Gomes, M. (2005) *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras
- Castells, Manuel (2002) *A Sociedade em Rede – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (volume I)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Gillmor, Dan (2004) *Nós, os Média*. Queluz de Baixo: Editorial Presença
- Hague, Barry N. & Loader, Brian D. (ed.) (1999) *Digital Democracy, Discourse and Decision Making in the Information Age*. London: Routledge
- João, Sílvia (2005) *A influência do desenvolvimento moral e dos contextos de vida de estudantes universitários, na literacia mediática e na tolerância face a minorias*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Pais, José Machado (2005) *Jovens e Cidadania*. Revista Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 49, 2005, pp.53-70
- Menezes (2003) *Participation Experiences and Civic Concepts, Attitudes and Engagement: implications for citizenship education projects*. European Educational Research Journal, volume 2, number 3

Menezes, Isabel (2006) *Facts or Just News? – European Youth and Media Literacy as a Challenge to Civic Education*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Menezes, Isabel (2007). *Participação Cívica e Política. Relatório da disciplina (não publicado) apresentado para efeitos de Provas de Agregação em Ciências da Educação*. Universidade do Porto.

Ramonet, Ignacio (1999) *A Tirania da Comunicação*. Porto: Campo das Letras

O Fórum Social Mundial e a Internet: possíveis espaços de articulações globais contra-hegemónicas

Júlia Benzaquen
Universidade de Coimbra - Faculdade de Economia - Centro de Estudos Sociais
juliafb82@yahoo.com.br

Resumo: No trabalho, apresento o contexto de globalização em que surge e se desenvolve o Fórum Social Mundial (FSM). Ao falar dos protagonistas do FSM trago elementos para pensar o conceito de movimentos sociais de uma outra forma, de uma maneira mais ampla. Ao discutir o conceito de rede, uma metáfora muito utilizada pelos sociólogos para explicar as articulações entre os movimentos sociais, proponho, através de Mc Donald (2006), a metáfora do FSM ou de outros espaços de articulação como “música”. Exploro então os potenciais da Internet como instrumento e como “nova esfera pública” de articulação global entre sujeitos contra-hegemónicos. Falo do FSM na Internet analisando a sua página eletrónica. Nessa análise chego à conclusão de que não há a crença na Internet como uma nova esfera pública, por parte dos gerenciadorees dessa página eletrónica. O que não significa que as entidades e instituições que fazem parte do FSM pensem a mesma coisa.

Por fim, analiso as mudanças temáticas do FSM. As mudanças temáticas (não só mudanças de temas, mas aquilo que deixa de ser denominado tema e passa a ser objetivos, por exemplo) implicam um processo de transformação do FSM e de abertura desse espaço. Toda análise é feita a partir da página eletrónica do FSM e da leitura de teóricos e ativistas que defendem esse espaço.

1. Introdução

A maneira que os movimentos comunicam suas lutas e que a mídia convencional retrata esses movimentos são fundamentais para que a sociedade em geral se identifique ou não com esses sujeitos. A relação entre movimentos sociais e mídia nem sempre é ressaltada: “Comunicação e mídia desempenham um enorme papel nas trajetórias dos movimentos. Estranhamente, porém, grande parte da literatura sobre movimentos sociais não trata a questão da comunicação e dos meios de comunicação”¹ (Downing, 2001: 26).

O Fórum Social Mundial (FSM) é um importante espaço de integração dos sujeitos contra-hegemónicos a nível global. A Internet será outro elemento de análise, na medida em que a entendo como uma importante ferramenta midiática que permite a articulação. No trabalho tento trabalhar com duas idéias centrais. A primeira idéia é a ampliação do conceito de movimentos sociais e a maneira de analisar as articulações entre esses sujeitos. A segunda idéia é que a Internet, para além de ser ferramenta é um espaço (assim como é o FSM) de articulação de sujeitos contra-hegemónicos.

Para desenvolver essas duas idéias sinto a necessidade de no decorrer do texto fazer algumas outras discussões. Assim apresento o contexto de globalização em que surge o FSM e explico o que é o FSM. Ao falar dos protagonistas do FSM trago elementos para pensar o conceito de movimentos sociais de outra forma, de uma maneira mais ampla. Ao discutir o conceito de rede, uma metáfora muito utilizada pelos sociólogos para explicar as articulações entre os movimentos sociais, proponho, através de Mc Donald (2006), a metáfora do FSM ou de outros espaços de articulação como “música”.

Exploro então os potenciais da Internet como instrumento e como “nova esfera pública”. Falo do FSM na Internet analisando a sua página eletrónica. Nessa análise chego a conclusão de que não há a crença na Internet como uma nova esfera pública, por parte dos gerenciadorees dessa página eletrónica. O que não significa que as entidades e instituições que fazem parte do FSM pensem a mesma coisa.

Por fim, analiso as mudanças temáticas do FSM o que reforça a primeira grande idéia do texto (novas formas de pensar os movimentos sociais e as suas articulações). As mudanças temáticas (não só mudanças de temas, mas aquilo que deixa de ser denominado tema e passa a ser objetivos, por exemplo) implica em um processo de transformação do FSM e de abertura desse espaço. Isso consolida o FSM como um espaço de movimentos sociais contra-hegemónicos muito mais diverso.

É preciso deixar claro, desde já, que toda análise sobre o FSM é feita a partir de sua própria página eletrónica e da leitura de teóricos e ativistas que defendem esse espaço.

2. O Fórum Social Mundial

¹ Minha tradução.